

A ver vamos...

... Acabou-se, *les jeux sont faits*, o povo escolheu a ditadura parlamentar e agora só lhe resta confiar na boa-vontade do primeiro-ministro para que o diálogo real e consequente possa sobreviver a «democracia musculada» que se avizinha.

De todos os pontos críticos em suspenso há alguns que suscitam desde já uma natural apreensão e desses destacam-se, naturalmente, o controlo massivo da Informação e o apoio à Cultura. Agora sim: de maneira «clara e transparente» (como diz o outro) passámos a ter um diálogo desigual na Assembleia que discute o governo que nos decide e a crise de diálogo plural, que já existia nos meios de Comunicação do Estado, pode ainda agravar-se com maior impunidade e transparência através da pressão do Poder e de novas formas de massificação.

Não falo de economia nem de



A MOSCA

produção, como se vê. Falo de Cultura e de Liberdade, esses princípios que para os pragmáticos da política se resumem a ornatos acidentais e facultativos. Dentro em breve, passada a Europália e abertas as portas magestáticas do Centro Cultural de Belém, talvez nos apercebamos que daí nos vai ser debitado um passivo que justifique uma retracção nos investimentos culturais dos anos que vão seguir-se.

Nesse caso, o livro será, como sempre, o deserdado por excelência, a voz da Cultura que os tecnocratas da política apenas podem entender como um prestígio acidental ou um eco de remorso.

Será assim?

A ver vamos, como dizia o cego que sabia ler os sinais trazidos pelos ventos.

José Cardoso Pires